

### Da coerência e/ou interpretabilidade de um texto 'patológico'

Para quem pretenda debruçar - se sobre questões como a da coerência, interpretabilidade e sentido textuais, "Passatempo Geográfico", título do texto que me proponho hoje apresentar, parece - me constituir um passatempo tanto mais aliciante quanto se trata de um texto de um doente mental, ou seja, de um espécime desse conjunto de textos designados como 'patológicos' e consensualmente considerados como incoerentes e incompreensíveis.

Começaria por isolar algumas das questões que, em confronto com este tipo de textos, me parecem colocar - se invariavelmente : é este texto interpretável? tem este texto sentido? é ou não coerente?

Em primeiro lugar, e ao serem formuladas desta forma, estas questões parecem apenas admitir como resposta ou um sim ou um não, ou seja, interpretabilidade, sentido e coerência parecem surgir - nos como conceitos binários.

Em segundo lugar, tais questões exigem uma reflexão sobre os termos que nelas figuram, tarefa que tende a complexificar - se já que cada uma dessas questões suscita outras tantas. Assim, para que nos pronunciemos sobre a interpretabilidade de um texto é não só necessário definir o que entendemos por interpretação como também ter em conta o tipo de interpretação a que nos referimos - explicativa, avaliativa, descritiva ? - distinção levada a cabo pelos teóricos do texto Hatakeyama, Petöfi e Sözer ( 1985 ); do mesmo modo, afirmar que um texto tem ou não sentido exige que explicitemos o tipo de sentido a que fazemos referência (

sintáctico, sintomático, estético? ( 1 ) Deixarei , no entanto, de lado estas " sub - questões ", fazendo incidir a minha reflexão sobre a noção de coerência, e as relações que mantem com as de sentido e interpretabilidade, tomando como apoio um texto recolhido no jornal interno da Casa de Saúde do Telhal, o Arauto, subintitulado Quinzenário dos doentes ( nº 12, 1955 ).

A coerência, objecto de estudo de gramáticas do texto, linguísticas do texto e teorias do texto tal como outros parâmetros textuais ( coesão, conectividade, adequação situacional, etc. ) , é um conceito sujeito a variação nocional consoante as opções teóricas e metodológicas de cada corrente ou investigação em particular.

Viehweger (1989,a), a fim de pôr um pouco de ordem nessa mesma variação, opera uma distinção entre três noções de coerência ( duas semânticas e uma pragmática ) que, podendo encontrar - se na literatura , correspondem , segundo o autor ( pp.257 - 258 ), a três diferentes fases da linguística textual -- a fase das gramáticas textuais ( modelos proposicionais ), a fase semântico - temática e a fase dos modelos comunicativos e orientados para a acção.

Na primeira fase a coerência é definida como conexão semântica entre proposições ou parte de proposições ao nível linear do texto; de acordo com a segunda vertente, semântico - temática, a coerência é definida em termos de macro - estrutura organizada hierárquicamente , isto é, um texto será considerado coerente se as proposições individuais puderem ser integradas num tema textual ou em temas parciais; a vertente pragmática define a coerência em termos da função comunicativa do texto .

Se atendermos à primeira noção (por exemplo, claramente presente sob a designação de coerência linear na obra de Van Dijk

Texto e Contexto ( 1978 ) ) e que define a coerência como uma relação de interdependência semântica entre proposições ou parte de proposições, então o texto " Passatempo Geográfico " não poderá ser considerado coerente.

J. da Silva Reis, ao construir o seu texto como uma sucessão de Nomes Próprios e Descrições Definidas , introduz - nos num passatempo - jogo de linguagem : por um hábito de leitura somos levados a estabelecer uma relação retroactiva de coreferência entre Dds e Nps, relação essa que, como nos indica a activação do nosso conhecimento do mundo no processo interpretativo, é falsa -- " Miquelon " não é uma " ex - península da Islândia do Norte ", " Bouvet " , como se sabe" , não é um " grande território Antártido ". Por outro lado, o processo de leitura pode complexificar - se dada a posição do Np " Miquelon " entre duas Dds, funcionando , simultâneamente, como compactificador e classe de abertos (2), o que permite uma leitura de duas entradas, da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Podemos efectuar esta leitura até ao momento em que, orientados pelo conhecimento geográfico do Mundo Real reconhecemos que, na realidade, cada Descrição Definida introduz um novo referente resultando este texto numa simples enumeração .

Para além do uso referencial e não apositivo das Descrições Definidas que tem como consequência não podermos estabelecer uma relação de interdependência semântica entre Nps e Dds, um outro facto poderá ser invocado em favor do " juízo " de incoerência textual: embora na sua globalidade os Nps seleccionem o seu referente no Mundo Real , outros ( como por exemplo" P. d'Eça Baleias " e " Luçia Costeira " ) assim como as Dds cujo referente extralinguístico não é localizável, remetem para um mundo alternativo que não faz parte das nossas construções

culturais (3). Gera - se , pois, um efeito de perplexidade que resulta do facto deste texto exhibir tanto uma falta de referência real como uma falta de referência ficcional na ausência de indícios textuais e institucionais a partir dos quais o intérprete situa o texto e se situa em relação a ele.

Porém , se atendermos à definição semântico - temática de coerência segundo a qual um texto será coerente se conseguirmos integrar as proposições que o compõem numa macro - estrutura ou tema do texto, vemo - nos obrigados a modalizar o nosso " juízo " de incoerência : como pudemos constatar foi possível , para um intérprete, atribuir o título de " Passatempo Geográfico" ao texto de J. da Silva Reis. Neste caso, e o contrário do que acontece nos jornais correntes em que não se põe em causa a identidade empírica do indivíduo que intitula as produções, em relação a este título que encabeça um texto que figura num jornal interno convém justamente pôr em causa se os títulos foram atribuídos aos textos pelo autor ou pelo organizador do próprio jornal. Tal facto assume uma certa importância, se tivermos em conta a função do título como factor, no processo interpretativo, de restabelecimento da coerência textual.

Esse título não resultou apenas de um processamento do léxico( numa outra terminologia, diríamos que foi uma recorrência sémica que lhe permitiu assinalar a coerência semântica ). Ao atribuí - lo o intérprete ultrapassou as puras relações linguísticas, intra-textuais, numa tentativa de aceder à compreensão do texto. De facto, pelo reconhecimento, no texto de uma instrução linguística para a acção, isto é, por meio da injunção " dizer a quem pertencem " , apercebemo - nos de que o que Silva Reis nos propõe é uma *praxis* social, um passatempo - jogo de acção, semelhante a muitos dos que pudemos encontrar num

Almanaque Bertrand de 1956, e ainda para um outro jogo de acção elevado ao estatuto de género discursivo por Greimas na sua obra Du Sens ( 1970 ), a " escrita cruzadista " ( "écriture cruciverbiste " ).

Mas se dos passatempos do Almanaque reconhecemos como residual a sequência injonctiva - instrucional cuja finalidade pragmática é " fazer fazer", ao contrário do cruzadismo em que denominações pertencem à grelha e as definições constituem meios a partir dos quais o leitor a descobre, neste texto ambas coexistem sequencialmente, desdobrando - se o sujeito em dois -- aquele que possui a grelha ( o enunciador ) e aquele que só possui as definições ( o enunciatário ). Por outro lado, a dissimulação da chave do problema -- e isto tendo em conta que, neste jogo de acção, existe sempre da parte do emissor a criação voluntária de uma distância entre a definição dada e o Nome a encontrar -- é, neste texto, maximal : é impossível para o leitor descobrir os Nomes já que as definições não possuem nenhum referente extralinguístico localizável. A consciência, por parte do autor, de que é proposto um jogo referencial sem solução possível, é detectável a partir da expressão provocatória " Chupa. Iogurte.",

Se, para além de considerarmos como Bernardéz ( 1982 ) que a compreensão textual é o processo pelo qual o receptor identifica o tema fundamental do texto e a intenção comunicativa do falante / produtor, atendermos ao facto de que essa compreensão, neste texto, se vê acrescida por recorrermos a um conhecimento de tipo intertextual, então vemos - nos obrigados a reaguar ou a alargar o conjunto de noções, já mencionado, de coerência textual.

De facto, a coerência pode ser considerada não só como propriedade imanente textual, como resultado das características

linguísticas do texto mas também, e como de resto salientam alguns autores ( Viehweger art. cit. e de Velde 1985), como resultado do processo, construtivo e interactivo, de interpretação que lida, simultâneamente, com factores de ordem intra - e extratextual.

Assim, para alguns investigadores como de Velde ( 1985 ) o termo coerência designa o produto final da interpretação ( que ele define como um processo, cognitivo e psicológico de processamento de informação co- e contextual através de estratégias inferenciais ), ou, em termos mais precisos, a coerência designa, para este investigador, uma propriedade das elaborações interpretativas, isto é um resultado completo e bem sucedido ( p. 173 ) (4).

Tomado nesta acepção de resultado interpretativo completo e bem sucedido, o conceito de coerência aproxima-se ( ou coincide ) com um outro, o conceito de interpretabilidade que, tal como o define Enkvist ( 1989, a,) " ... sugere sucesso comunicativo " ( p. 170 ).

No entanto, e ao contrário de de Velde para quem a coerência é um termo absoluto, para Enkvist " o sucesso comunicativo não é fácil de julgar em termos de sim ou não ( 1989, b),p.371, trad.) uma vez que depende de vários factores de ordem intra - e extratextual . " ... Para definir interpretabilidade", afirma, " devemos recorrer a conceitos pragmáticos relacionados com o sucesso comunicativo e não olhar apenas para as estruturas internas do texto ..." ( 1989, a), 171, trad. ) ; " A interpretabilidade não é uma qualidade absoluta, imutável e permanente de um texto, ela é afectada pela relação entre um texto e um leitor ou categoria de leitores específica " ( 1989, b ) , p. 376, trad.). Enquanto que, para Enkvist a interpretação textual é um processo hermenêutico ( 1989, b , p. 376 ), a

interpretabilidade surge como um parâmetro de avaliação, uma vez que se podem conceber textos mais ou menos difíceis de interpretar. Se perfilharmos a analogia estabelecida por Monteiro *et alii* numa obra publicada recentemente Esquizofrenia -- uma doença ou alguns modos de se ser humano? ( 1992), a saber, que " ... a investigação nos domínios da " psiquiatria " é frequentemente mais semelhante à busca de um significado para um " poema " ( ou qualquer outro tipo de " texto "... " ( p. 60 ), podemos aperceber-nos até que ponto, tanto nos domínios da psiquiatria como nos da interpretação textual, essa avaliação está condicionada pelos " filtros " de um receptor -- isto é pelo seu background cultural, a sua habilidade como processador de texto, os seus valores ideológicos, a sua experiência - vivido individual, os seus traços de personalidade, etc.(5) -- e de como uma mudança de " filtros " pode delinear novas estratégias de compreensão ou interpretabilidade.

Enkvist sugere, por sua vez, uma aproximação entre as noções de interpretabilidade e sentido ( 1989. b), p. 375): afirmar que um texto é interpretável significa afirmar que tem sentido, que é compreensível para o receptor ou conjunto de receptores que o interpretam. Tanto sentido, como interpretabilidade dependem, segundo este autor, tanto das estruturas internas ao texto, como do sucesso comunicativo do texto numa situação autêntica de comunicação, como ainda do tipo de receptor que interpreta esse texto ou dos três factores em conjunto ( 1989. b), p. 371 ).

Em suma, não só a coerência ou interpretabilidade implicam uma dualidade de relações internas e externas que de Velde designa pelos termos cotextual e contextual e Viehweger por complexidade estrutural e funcional, como podem ser considerados como

conceitos não binários , podendo encarar - se a hipótese de existência de graus de coerência ou interpretabilidade.

Tendo em conta a quarta noção de coerência referida -- a coerência entendida como produto do processo interpretativo e resultante do processamento simultâneo de fontes de informação co - e contextuais -- pode ser salientado, em relação ao texto " Passatempo Geográfico", um outro factor, de ordem intratextual, que, neste caso, lhe confere coerência ou interpretabilidade. Na verdade, à semelhança do " género " cruzadista para que o texto remete, cuja monotonia de leitura se explica, segundo Greimas ( op. cit., p. 299 ) não só pela relativa simplicidade do género mas pelo número reduzido de constantes canónicas que regem a sua articulação, " Passatempo Geográfico " apresenta algumas regularidades, de ordem formal e rítmica, regularidades essas que considero conferirem a este texto um certo sentido ou coerência

Em primeiro lugar, e como já foi referido, o texto é composto, na sua globalidade por Nomes Próprios e Descrições Definidas , criando - se uma uniformidade sintáctica. Dds e Nps apresentam - se sequencialmente de forma paratáctica, constituindo excepção a esse processo paratáxico a construção com " e " de uma espécie de refrão. A repetição constante de um padrão básico ( " e interior " ) cria um ritmo fixo e uma redundância informativa:

1. N-N  
/ Tânger-/ Ceuta e interi/or ( 3 unid. rit.)
2. N e N  
Las/Palmas e Ca/binda e interi/ores ( 3 " " )
3. N-N ( )  
Mo/ssamedes, P. d'/Ega e interi/or ( 4 " " )  
Ba/leias (...)
4. N  
Mara/cá e interi/or ( 2 " " )
5.  
e a/gora /mais / estes ( 3 " " )



Uma outra regularidade verifica - se ao nível da estrutura interna das DDs que exhibe o mesmo padrão rítmico ( três grupos rítmicos) para além de um paralelismo a nível sintáctico ( [ ] ) :

1. Ilha	no/ Norte	de Ba/fin (3 )
2. /ex pe/nínsula	da Is/lândia	do/ Norte (4)
3. / ilha	cos/teira	na Ir/landa (3)
4. grande	terri/tório	An/tártido (3)
5. /outra	/ Xetlande	do/Sul (3)
6. / base	no es/treito	de Magalhães(3)
7. pe/queno	terri/tório	na An/tártida (3)

Curiosamente, são estas regularidades, em particular a repetição de " e interior" e a interferência de expressões parentéticas ( ( casas de vidro ), ( 3 milhões e petróleo ) e ( com 500 mil tons . mercantes e cem mil de guerra) ) que nos surgem como elementos estranhos ao que poderia ser considerado, como o foi por Adam e Revaz (1989), como " o grau zero da descrição", isto é, a enumeração, parecendo funcionar essas regularidades, para o autor do texto como "fixações" ( automatismos? ) discursivas, e para o leitor, como eventuais sinais de " desagregação " discursiva, ao romperem com os parâmetros textuais esperados, para o tipo de texto referido.

Na sequência do que acaba de ser constatado, e fazendo nossas as palavras de Greimas ( op. cit. , p. 298 ) , não vemos como, se já se admitiu que a redundância de conteúdos revela a existência de uma temática obsessiva do discurso, a frequência, estatisticamente significativa de um certo tipo de relações formais em detrimento de outras relações possíveis, poderia não pôr a questão da sua interpretação semântica.

Por outro lado, torna - se igualmente significativo o facto de semelhantes regularidades formais poderem e terem sido identificadas noutros textos do mesmo autor(6) e que, num recente

trabalho sobre um dos tipos de discurso "patológico", os clínicos Rochester e Martin (1979) tenham afirmado a seguinte a propósito do discurso de esquizofrênicos com desordem de pensamento que: "... TD [thought disordered speakers] sometimes depended on the rhythm and intonation of clauses with parallel grammatical structures as bases for linking clauses to the prior text" (p. 102).

Finalmente, e <sup>no</sup>que diz respeito à problemática em que se inseriu a breve análise do texto "Passatempo Geográfico" -- a problemática da coerência interpretabilidade e sentido textuais --, duas questões, de ordem terminológica, podem ficar em aberto.

A primeira questão põe-se em saber se estes mecanismos formais podem ser agrupados na noção de coerência como produto do processo interpretativo, uma vez que nos permitem atribuir um certo sentido ao texto, evidenciando uma determinada estruturação, ou se teremos, por exemplo, de os agrupar na noção de conectividade tal como é definida por Hatakeyama, Petöfi e Sözer (1980, p. 68) isto é, como repetição de estruturas sintácticas rítmicas ou de determinados sons.

Uma segunda questão que pode ser colocada é a de se, entendendo a coerência como resultado do processo interpretativo, dependente de factores co- e contextuais, devemos considerar a coerência como sentido -- podendo então conceber-se diferentes graus de sentido ou coerência -- ou se teremos de integrar o sentido na noção de coerência -- podendo conceber-se textos com um certo sentido mas não coerentes.

## Notas:

1) A distinção é sugerida por Enkvist ( 1979, b), p. 375). Afirma o autor que uma interpretação pressupõe uma determinada estruturação, estruturação essa que não tem necessariamente de ser sintáctica : um texto pode ser interpretável desafiando a estrutura sintáctica, desde que esteja estruturado de outro modo - pode imitar certos sons ou ritmos, evocar universos de discurso com os quais estejamos familiarizados; tem, no entanto, que estar estruturado nalgum nível mesmo que meramente como sintoma do estado físico ou mental do seu produtor. Esta distinção é sumariamente desenvolvida in Do Processo Interpretativo no Discurso Esquizofrénico ( provas de aptidão científica defendidas em Abril de 1993).

2) Para uma definição dos termos 'compactificador' e 'classe de abertos' cf. Leconte, p. d/16

3) Para uma definição dos Mundos Possíveis como construções culturais ou produtos semióticos Cf. Eco, p. 333

4) Com efeito, afirma de Velde " If coherence CANNOT be constructed for for the ( sequences of) utterances  $u_1, u_2, u_3, \dots, u_n$  occurring in a natural language  $HNL_i$ , then the complete and successfull comprehension of  $u_1, u_2, u_3, \dots, u_n$  CANNOT be achieved (p.290).

5) cf. de Velde para outras variáveis individuais que interagem no processo interpretativo.

6) cf. Prova de Aptidão Científica cit. supra

ADAM, J-M. e REVAZ, F. (1989), " Aspects de la structuration du texte descriptif: les marqueurs d'énumération et de reformulation", Langue Française 81, pp. 59 - 8

BERNARDÉZ, E. (1982), Introducción a la Linguística del Texto, Espasa-Calpe, S.A., Madrid

CAGLIARI, L.C. (1981), " Investigando o ritmo da fala ", Anais do V Encontro Nacional de Linguística, P.U.C., Rio de Janeiro, pp. 290 - 304

CHAROLLES, M. (1985), " Text connexity, text coherence and text interpretation", Text Connexity, Text Coherence -- Aspects, Methods, Results, Papers in Textlinguistics, vol. 49. Ed. Emel Sozer, pp.1-16

(1987) " Contraintes pesant sur la configuration des chaînes de référence comportant un nom propre", Centre de Recherches Sémiologiques de Neuchâtel, nº 50, pp. 29 - 56

COMTE, H.E. (1977) " Coesione testuale : Recenti Ricerche Italiane", La Linguística Testuale, Giangiacomo Feltrinelli, Editore Milano, pp. 271 - 281

CRUTTENDEN, A (1986), Intonation, Cambridge University Press

van DIJK, T.A. (1978), Texto y Contexto ( Semántica y Pragmática del discurso ), Ediciones Cátedra, Madrid, 2ª Edição

ECO, U. (1989), " Literature and Arts", Possible Worlds in Humanities Arts and Sciences , Ed. Sture Allen, Berlin - New York, Walter de Gruyter, pp. 343 - 349

ENKVIST, N.E. (1989, a), "Connexity, Interpretability, Universes of Discourse and Text Worlds", Possible Worlds in Humanities, Arts and Sciences , Ed. Sture Allen, Berlin - New York, Walter de Gruyter, pp. 162-187

(1989, b ), " From Text to Interpretability: A Contribution to the Discussion of Basic Terms in Textlinguistics", Connexity and Coherence -- Analysis of Text and Discourse , Ed. Heydrich, Neubauer, Petofi & Sozer, Berlin-New York, Walter de Gruyter, pp. 369-383

GREIMAS, J. (1970), Du Sens, Éditions du Seuil, Paris

HATAKEYAMA, K., PETOFI, J.S. & SOZER, E. (1985), " Text Connexity, Text Coherence and Text Interpretation Processing", Text Connexity, Text Coherence -- Aspects, Methods, Results , Papers in Textlinguistics, Vol 49, Ed. Emel Sozer, Buske-Verlag-Hamburg, pp. 1-16

LECOMTE, A. ( 1986), "Raisonnement: quand dire c'est faire voir", Travaux du Centre de Recherches de Neuchâtel 44, pp.d/1 - d/ 43

MONTEIRO, , A.C.D. et alii (1992), Esquizofrenia--uma doença ou alguns modos de se ser humano? , Ed. Caminho, Lisboa

ROCHESTER, S.R. & MARTIN, J.R. (1979), Crazy Talk: A Study of the Discourse of Schizophrenic Speakers, Plenum Press, New York and London

van . de VELDE (1985), " Inferences and Coherence in Text Interpretation". Text Connexity, Text Coherence -- Aspects, Methods, Results, Papers in Textlinguistics, vol. 49. Ed. EmelSozer, pp. 261 - 299

VIEHWEGER, D. (1989, a), "Coherence -- Interaction of Modules", Connexity and Coherence -- Analysis of Text and Discourse, Ed. Heydrich, Neubauer, Petofi & Sozer, Berlin-New York, Walter de Gruyter, pp. 256-275

( 1989, b), "Coherence is also a Pragmatic Phenomenon. Some Rejoinders to E.-M. Conte and R. Harweg, op. cit. supra., pp.291 - 305

Langages 66 (1982), Le Nom Propre, Larousse, Paris

## Passatempo Geográfico

Depois do interregno - república, dizer a quem pertencem estes 500 m2 de Terras de Duarte Nuno: ilha no Norte de Bafin, Miquelon, ex península da Islândia do Norte, ilha costeira na Irlanda, Tânger Ceuta e interior, Bojador ( casas de vidro ), Las Palmas e Cabinda e interiores, Mossamedes - P. d'Eça Baleias ( 3 milhões e petróleo ) e interior, Cidade do Cabo, Bouvet, grande território Antártido, outra Xetlande do Sul, base no estreito de Magalhães, Maracá e interior, uma Lucaia Costeira, Portugal ( com 500 mil tons, mercantes e cem mil de guerra), e agora mais estes: Sul do Save, pequeno território na Antártida, Chupa, Iogurte.

( in Arauto ( Quinzenário dos Doentes), Casa de

Saude do Telhal, nº 12, 1956 )